

Comunidade Virtual de Antropologia

De: "Luis Costa" <Costa_Luis@netc.pt>
Para: <faleconosco@antropologia.com.br>
Enviada em: quinta-feira, 19 de julho de 2001
Assunto: Antropologia da Educação

SONHADOR SEM TEMPO, CRIANÇA SEM AMOR

Por Luís Jorge Costa

Antropólogo

“Estás a sonhar”, é uma expressão muito utilizada, sempre que queremos dizer às pessoas, que discordamos. O que é facto, é que tudo começa por um sonho. Qualquer ideia, seja ou não sonhada, surge primeiro no imaginário, e, só depois, se torna real.

Sonhador, é aquele que acredita, que este mundo, um dia há-de ser melhor. Sonhador, é todo o ser, que constrói na sua mente, o edifício da seu ideal. É aquele, que tem projectos para o futuro, ou ainda, que antevê, como irá ser o amanhã.

Hoje em dia, é difícil sonhar. O tempo foge e desaparece. Andamos a correr contra essa coordenada, que termina todas as noites, após um dia de 24 horas. O tempo é como a saúde- quando se perde, nunca se recupera. Sonhamos, voltamos a sonhar, e quando regressamos dessa viagem, já o tempo tem passado. Dizem que o tempo cura. É redondamente falso. O tempo, permite esquecer, e a ciência do esquecimento, é uma das mais importantes. Se esquecemos, é porque, ignoramos, se ignoramos, é porque queremos. Tudo é racional, excepto o tempo. Não pensa, não existe, não reflecte, porque não volta atrás. Não pensa, porque é um vazio preenchido pelo homem, a cada momento. É, portanto um objecto onde se instala o pensamento. Não existe, porque está sempre a passar. Aliás, não está, anda. Esse, é que é o problema. O tempo anda à nossa frente, mas nunca nos acompanha. Então, ninguém pára no tempo, podemos, sim, ser de outro tempo, que já passou.

Sonhador, é todo o menino ou menina, que deseja que o tempo passe, para poder fazer tudo o que os mais velhos fazem. Imitam-nos, como se fossem heróis. Depois crescem e verificam como essa ideia era errada. Os heróis não existem, passaram com o tempo. O que existem, são memórias de heróis, que tiveram de morrer, para poderem existir. Eis, mais um paradoxo. Ninguém existe sem tempo, apenas os heróis, que não sonham. Não sonham porque não pensam. São pensados.

Sonhador, é todo o ser humano, que acredita na destruição deste tempo, que esquece o homem, em favor da técnica. Sonhador é aquele que acredita mais na religião do que na igreja, mais no ser do que no ter, mais nas emoções do que nas intenções, mais na realidade do que na aparência. Sonhador, é todo aquele, que consegue ser pequenino, independentemente de ser menino ou menina, de ser jovem, adulto ou idoso. Porque, nessa idade, há mais tempo, para sermos o que mais tarde não temos tempo de ser. Viver, era o que nós queríamos. Viver onde houvesse tempo, que não fosse desperdiçado, a tentar arranjar lugar para estacionar o automóvel, ou a procurar informação que não tivemos tempo de arquivar, ou a seleccionar programas de televisão, que não queremos ver, ou, a retirar folhetos de publicidade da nossa caixa de correio... Viver para as crianças, porque o tempo é delas e para elas, que são o futuro, que está a chegar. Devemos ajudá-las, para que aprendam a ser felizes. Mas, é preciso saber amar, através de um olhar atento, de um ouvido cirúrgico, que penetre no interior do seu pensamento. E sonhar com elas, é, tão somente, acompanhá-las no seu percurso, crescer com elas, porque, em minha opinião, somos nós, que (re) nascemos nas crianças.

Todo o crescimento, deve ser rodeado por afectos, pois, como entende o antropólogo Raúl Iturra, um dos investigadores sociais, que mais admiro – a criança procura afecto, nós damos-lhe saber. Atrevo-me a dizer, nós por vezes, ao querermos dar tudo, acabamos, por dar o nada. É por esta razão, que os verdadeiros educadores, nunca compensam os seus neófitos com bens materiais. Nunca dão prendas, pelo facto de terem alcançado um bom resultado num exame escolar. A melhor prenda é o diálogo, ou melhor, a explicação resultante da importância humana, que damos aos acontecimentos.

Ou seja, como não se devem misturar, valores humanos, com valores materiais, estes últimos, só devem ser adquiridos, quando necessários, não como recompensa. Se tal acontecer, mais não estamos a fazer, do que criar deformações, vícios, dependências... que poderão resultar em enormes prejuízos, que, já não podem ser pagos com dinheiro, nem com o diálogo.